

Para dar fim a esta conferência, deixo este pensamento expresso por um jovem italiano e que é um bom programa de vida, aplicável a todas as idades, mesmo que se tenha 80 anos: "Que cada meta alcançada seja um novo ponto de partida".

"Cultura geral". O absurdo do termo, seu filisteísmo, revela sua insinceridade. "Cultura", referida ao espírito humano - não ao gado ou aos cereais -, não pode ser senão geral. Não se é "culto" em física ou em matemática. Isso é ser sábio em uma matéria. Ao usar essa expressão de "cultura geral" se declara a intenção de que o estudante receba algum conhecimento ornamental e vagamente educativo de seu caráter ou de sua inteligência. Para tão vago propósito tanto faz uma disciplina como outra dentro das que se consideram menos técnicas e mais vagarosas: vá pela filosofia, ou pela história, ou pela sociologia! - *José Ortega y Gasset.*

CIÊNCIA, TÉCNICA E HUMANISMO.

(Publicado na revista Ciência e Cultura 27(12): 1298-1304) - 1975.

*MIGUEL R. COVLAN, Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto,
da Universidade de S. Paulo, SP.*

Nas últimas décadas a História, que parecia andar a passo de tartaruga, acelerou seu ritmo de forma surpreendente, escapando a qualquer previsão ou profecia. Como a ciência, por definição, vai em busca das causas dos fenômenos - esta atitude é o que diferencia o conhecimento vulgar do científico - perguntemo-nos a que se deve esta aceleração do ritmo histórico. A resposta: ao vertiginoso desenvolvimento da ciência.

Algumas grandes descobertas científicas e suas aplicações, ou seja, a técnica, transformaram a marcha lenta da história:

1. a desintegração da matéria, realização científica fundamental, teve como aplicação técnica, infelizmente, a fabricação de bombas atômicas. Em 1944, Hiroshima foi destruída. Dez anos depois, os estoques de bombas atômicas representavam potencialmente a possibilidade de destruir qualquer resquício de vida sobre a terra;
2. em 1949 nasceu uma ciência nova, a Cibernética, ciência da auto-regulação, que trouxe modificação qualitativa na aplicação técnica, uma vez que pode substituir certas formas do trabalho intelectual;
3. os meios de comunicação transformaram o mundo em aldeia: tudo o que acontece em qualquer latitude sabe-se imediatamente em todas as latitudes e ninguém está isolado do acontecer mundial. A terra subitamente encolheu. Esse mundo-aldeia vai crescendo pouco a pouco e acalenta pretensões universais: todos chegamos à lua com o primeiro astronauta e já vamos conhecendo alguma coisa de Marte, ainda envolvido em seu mistério de planeta guerreiro;
4. no campo da biologia andou-se a passos de gigante: em dez anos se realizaram mais descobertas do que no período Hipócrates - Claude Bernard (460 a.C. - 1878). Tenta-se sintetizar a vida, de orientar biologicamente a hereditariedade e esses fatos que causam calafrios levantam imediatamente problemas de outra ordem

e a ciência vê erguer-se diante dela outra realidade, tão real como ela própria, a moral, que pergunta: Qual a hierarquia de valores que orientará a aplicação de tantas e tamanhas descobertas?

Para sintetizar, podemos recordar três fatos: a) o relatório Auger, da Seção de Pesquisa da UNESCO, informa-nos que existem atualmente tantos homens de ciência quantos existiram desde os primórdios da humanidade; b) desde 1959 até 1967 duplicou o número de publicações científicas, obras de pesquisa e revistas técnicas; c) o intervalo entre uma descoberta científica e sua aplicação técnica social, diminuiu acentuadamente: 112 anos para a fotografia, 56 para o telefone e apenas 5 para os transístores.

A especialização do homem de ciência. O desenvolvimento da ciência experimental, iniciada por Galileu no final do século XVI, chegou a tal ponto que foi necessário aplicar o segundo dos quatro famosos princípios cartesianos: “a divisão de cada uma das dificuldades com que tropeça a inteligência ao investigar a verdade, em tantas partes quantas necessárias para resolvê-las”. A realidade que a ciência estuda, é uma parte da realidade total, mas está pequena parcela para ser conhecida na totalidade trouxe como consequência a especialização do homem de ciência. E assim o cientista instalou-se num pequeno buraco, a sua especialidade, de onde tem forçosamente visão reduzida daquela parte do real que a ciência estuda. A ciência permanece sempre unificada, global, *gestáltica*. Quem se divide e se atomiza, é o conjunto de pesquisadores que a estuda, pois, frente à impossibilidade intelectual de abarcar todo o conjunto, impõe-se o trabalho especializado que trouxe indubitavelmente algumas vantagens. Não é possível atualmente fazer avançar a ciência sem os especialistas em porciúnculas limitadas da própria ciência. Devido à sua limitação franciscana o homem de ciência precisa dos outros, não somente de colegas cientistas, mas também de técnicos e empregados em geral. Deve trabalhar em equipe, ou seja, há uma exigência de vida comunitária por causa da especialização e isto é muito positivo pois estabelece uma interdependência entre todos os membros do grupo. Entretanto, quando entro num buraco, limito sensivelmente o conhecimento do conjunto e perco a capacidade de um conhecimento integral, mais humano e mais gratificante. Daí a necessidade de conhecimento filosófico como salvador intelectual do homem de ciência. Melhor seria dizer, a atitude filosófica, para evitar toda a

possibilidade de acreditar erroneamente que quando falamos de filosofia, referimo-nos à filosofia livresca ou à filosofia acadêmica.

Atualmente, o cientista pode conhecer bem, não digo uma ciência determinada, porque é impossível, mas somente um setor desta ciência ou seja, a visão da realidade através da especialização faz-se angustiosamente mais limitada: dentro do buraco procuramos outro menor e ali nos instalamos. O certo é que a ciência avança com esse trabalho de abelhas, sem que seja necessária uma capacidade intelectual fora do comum para realizá-lo. Tudo isso é muito bom para a ciência mas não é para o cientista, que perde a perspectiva do conjunto do saber. Por isso a filosofia, conhecimento pelas causas primeiras, ou seja, profundo e universal, aparece como o antídoto da especialização em demasia, da fragmentação do saber e por conseguinte da deformação humana resultante de ver o mundo físico e espiritual através de um buraco e ingenuamente pensar que se está vendo toda a realidade. Como assinala muito bem Ortega y Gasset¹ este especialismo não compensado, que tornou possível o progresso da ciência experimental, produz bons e às vezes excelentes homens de ciência, mas não homens cultos. Encontrei em minha vida notáveis homens de ciência, inclusive Prêmios Nobel, que me impressionaram pelo conhecimento profundo de sua especialidade mas não me impressionaram como sábios. Porque a sapiência é coisa diferente do saber experimental. Esse último move-se em superfície constatando, medindo e explicando fenômenos e adquirindo domínio sobre um aspecto restrito da realidade. Procura as chamadas causas segundas. A sapiência, pelo contrário, não é especializada, sai do buraco do saber hermético, abre-se para a realidade total em busca das causas primeiras e integra e sintetiza os diversos setores do conhecimento. Na ciência especializada a inteligência aplica algumas de suas qualidades; na sapiência, aplicam-se todas. Isolado, o conhecimento hermético perde o vigor, volatiliza-se e sem a sapiência, pode chegar a constituir um perigo humano. É um pecado intelectual pretender reduzir a riqueza extraordinária do ser a um determinado setor do conhecimento experimental.

É curioso que os homens de ciência que causam admiração e não aparecem como mutilados intelectuais, são ao mesmo tempo filósofos,

¹ Ortega y Gasset, J.: *La rebelión de las masas*. Ediciones de la Revista de Occidente, Madrid, (Espanã), 1972

tais como Einstein, Bohr e Oppenheimer. Konrad Lorenz, Prêmio Nobel de Medicina e Fisiologia de 1973, é graduado em Filosofia e em Medicina. Em compensação, existem filósofos de primeira linha com treino nas ciências experimentais: Maritain fez sua incursão pela biologia e Weizsäcker é físico. Pareceria que há uma inanição intelectual quando servimos à inteligência, faminta de realidade total, um almoço ou um jantar incompletos, quando não miseráveis.

Creio que, felizmente, o especializado homem de ciência está saindo de seu hermetismo, porque a ciência, que não é especializada nem hermética, lhe está indicando uma abertura. O avanço científico e técnico colocou em descoberto novas concepções da matéria que abrem caminhos que não podem ser transitados por velhas concepções positivistas e mecanicistas. Impõe-nos a tarefa de sair do buraco e descobrir a infinita gama de valores temporais e supratemporais que existem num fenômeno, como também as concomitâncias pessoais e sociais, psicológicas e fisiológicas que se encerram num simples ato humano. A linguagem tem que ser renovada, as palavras precisam expressar uma realidade complexa e fluida que não se identifique com determinada corrente de pensamento nem se subordine a uma visão estreita da realidade.

O homem de ciência está se tornando cauteloso, prudente e não tão satisfeito dentro de seu limitado conhecimento da realidade. O biólogo moderno recusa as explicações universais realizadas por uma generalização ingênua a partir do setor parcial que intelectualmente domina. O homem de ciência ocidental perdeu um pouco sua autoconfiança, observa que o conhecimento especializado não deve desalojar a cultura integral, e que este conhecimento que possui não dá respostas a perguntas que a própria ciência lhe abre e com as quais talvez nem tenha sonhado, submerso que se encontra num mundo de imediatismos. Percebe que sua fé religiosa na razão aumenta seu cone de sombra devido a que dogmas científicos se problematizam. Husserl, sobre cujo racionalismo seria pecado duvidar, expressa o problema de forma quase dramática: "A situação atual das ciências européias obriga a reflexões radicais. Acontece que, definitivamente, essas ciências perderam a grande fé em si mesmas, no seu significado absoluto. O homem moderno não vê, como via o "moderno" da época da ilustração, na ciência e na nova cultura por ela plasmada, a auto-objetivação da razão humana, isto é, a função universal que a humanidade criou para lhe tornar possível uma vida de ver-

dade satisfatória, uma vida individual e social criada pela razão prática. Essa grande fé, que durante uma época substituiu a fé religiosa, a fé em que a ciência conduz à verdade - a um conhecimento de si mesmo, do mundo, de Deus, efetivamente racional e através do qual chegue-se a uma vida sempre possível de ser melhorada, porém realmente digna de ser vivida - perdeu inquestionavelmente seu vigor em amplos círculos. Por isso vivemos num mundo que se tornou incompreensível, no qual as pessoas se perguntam em vão pelo seu *para que*, pelo seu sentido antes tão indubitável, tão plenamente reconhecido por entendimento e vontade"².

Tecnologia - Nesta época arreligiosa e ametafísica, as inclinações naturais religiosas e metafísicas do homem criaram um novo Deus diante do qual enorme massa de fiéis se prostra de joelhos: a Técnica. Parece ser um Deus guerreiro, já que na época de seu culto nasceu um movimento batizado como "A morte de Deus" e que já morreu. Não Deus, o movimento.

Produto da descoberta científica, uma vez que é sua aplicação prática, produto, portanto, da atividade inteligente do homem e de enormes benefícios para a humanidade, quando instrumento humano, transforma-se em um autêntico Frankstein quando escapa a seu controle e domina seu criador, porque este carece de armas (ou abandonou as que possuía) para fazer-lhe frente. Atualmente temos a sensação de estar oprimidos sob o peso de uma Máquina onipotente, regida por suas próprias leis não controladas pelo homem e servida por seu próprio criador, que em qualquer momento pode ser varrido da terra, assim como também toda manifestação de vida. Estas perspectivas escatológicas que flutuam sobre o mundo não nos devem levar a um conceito negativo da técnica, mas sim a um conceito negativo do homem adulto atual. Digo o homem adulto, porque a juventude, apesar de desvios temporários, sofre agudamente esta escravidão imposta por uma sociedade estruturada, penetrada e dominada pela técnica que não dá lugar ao silêncio, ao ócio na acepção grega, ao repouso, à meditação. Basta passar uma semana em um país oriental para percebermos quanto a máquina nos separa da natureza, de nós mesmos e da comunicação pessoal. É curioso, vivemos a época da comunicação através de instrumentos; o astronauta, que chega à lua, transmite-nos sua

² Husserl, E.: La lógica formal e transcendental, 1929. Citado segundo J. Ortega y Gasset. *Apuntes sobre el pensamiento*, ediciones de la Revista de Occidente, Madrid, 1959.

saudação e impressões, levanto o fone e posso comunicar-me com um amigo antípoda. Tudo isso é extraordinário e ninguém deixa de aplaudir e elogiar, desde que se o faça sem prejuízo do contato pessoal, do intercâmbio e da comunicação pessoal, ou seja, que não nos transformemos em uma engrenagem a mais da técnica de comunicação, a qual permitiu condicionamento de massa. Como reagiria Pavlov ao ver o homem tratado e condicionado como os cães de seu laboratório? O condicionamento massificado leva-nos a dar diferentes e variadas respostas: ver o filme que a propaganda indica, ou ler o best-seller (em geral de relativo valor literário e filosófico) e às vezes comprar um determinado dentifrício. Os executivos usam maletas e camisas que a propaganda diz ser para executivos e se não refletirmos um pouco todos caímos numa roda viva mescla de ingenuidade e estupidez. Isso parece ridículo para a dignidade humana, mas infelizmente é um fato objetivo que se pode ver, escutar e medir estatisticamente. É interessante a reação da juventude frente a este perigo de ver-se transformada em *homo-canis*. Em alguns países, estudantes universitários trabalham nas horas livres como carpinteiros, bombeiros, sapateiros etc, como defesa contra a robotização. É uma forma de escape ao processo de massificação e por conseguinte um procurar-se a si mesmo e também uma forma de protesto contra uma sociedade robotizada.

A técnica nasce como resposta defensiva do homem à agressão da natureza, para satisfazer necessidades vitais como frio, calor, fome etc que aquela dominadoramente lhe impõe. Cria assim uma segunda natureza, que modifica a primeira e a subjuga. Esta primeira etapa nasce por necessidade, é humana pois o homem está em primeiro lugar e reina sobre esta natureza que ele mesmo criou. Ajuda-o a liberar-se de trabalhos automatizados, próprios da máquina e que esta realiza melhor que ele e assim é um instrumento vital para o homem pois permite-lhe dedicar-se a outros trabalhos mais humanos porque menos automatizados. Mas numa segunda etapa a técnica deixa de satisfazer necessidades humanas essenciais para começar a criar coisas supérfluas, luxo para a vida. Quando o homem começa a sentir necessidade de coisas dispensáveis para seu bem-estar, começa a via crucis de sua infelicidade e uma delas é que, de dominador, passa a ser dominado pela técnica e seus produtos.

Humanismo - Podemos afirmar que a ciência e a técnica marcam a nossa civilização e esta característica traz como consequência modificações

de ordem filosófica, política e pedagógica. No que diz respeito à primeira ordem, a filosófica, a única que vou abordar, vejamos como está situado o homem nesta nova etapa da história.

Diz-se muito frequentemente que a ciência e a técnica são desumanizantes como se elas fossem elementos diabólicos dotados de poderes malféficos. Se eu utilizo um rio para afogar a um inimigo ou uma pedra para dar-lhe golpes na cabeça a ninguém ocorreria dizer que o rio e a pedra são desumanos. O desumano é alguém que por natureza é humano e por sua própria atividade pode diminuir ou renegar sua humanidade, e o único ser que pode fazer isto é o próprio homem. Há uma transferência de responsabilidade, que já é um processo de desumanização, da qual o relato bíblico nos dá excelente exemplo:

Diz Adão: foi Eva

Diz Eva: foi a serpente

Diz o homem de hoje: é a técnica que me desumaniza.

O que chamamos de desumanização é o enorme hiato estabelecido entre a rápida evolução da técnica e a pobre evolução humana: aquela anda a passo de lebre e esta de tartaruga. O problema que se apresenta para o nosso futuro qual gigantesca interrogação é o de achar os meios para diminuir este intervalo entre a humanidade de um lado e a ciência e a tecnologia de outro. Diminuímos o passo da lebre? É uma possibilidade. Aceleramos o passo da tartaruga? É uma impossibilidade. Substituímos a tartaruga por um animal mais veloz, uma gazela por exemplo? Esta é a solução que me parece a mais simpática. Mas, como fazemos esta substituição? Mudando o enfoque do homem sobre a realidade material e espiritual e fazendo uma renovação da hierarquia de valores que orientam sua vida. Se a um poderoso leão dou uma bonita cova com ar condicionado para combater o calor do verão, calefação para combater o frio do inverno, uma TV em branco e preto que depois substituo por outra em cores (porque o leão vizinho comprou uma e o leão do conto não é menos que ele) e faço todo o possível para que deixe de viver em seu ambiente natural e viva nesta segunda natureza que lhe criei, cheio de conforto, com excesso de bem-estar, mas como lhe dou diariamente somente 500 gramas em vez de dez quilos de carne, estou seguro que este leão, apesar de todas as comodidades nunca

será feliz, e morrerá pouco a pouco de inanição. Talvez tenha sido feliz infantilmente no princípio frente a tanta coisa nova e tanto conforto. Mas resulta que não tinha alimento suficiente apesar de todo seu poderio, deixou de ser feliz e finalmente morreu.

Moral: um leão pode viver com todos os avanços da técnica, o que considero positivo, mas há que lhe dar de comer o bastante para que não morra.

Bem, nosso leão é o homem atual, cheio de poderio e cheio de si mesmo. Sua tragédia e por conseguinte sua infelicidade é que a circunstância histórica em que vive lhe fez errar o caminho e pensar que o aperfeiçoamento material, bom e necessário para o bem-estar humano, é o alimento suficiente para satisfazer suas necessidades espirituais. Nosso homem de hoje está morrendo de inanição espiritual, hóspede num mundo cujo corpo cresceu rapidamente, é gigantesco, mas com uma alma que por não crescer concomitantemente, permaneceu relativamente pigméia. Como realimentamos a nosso enfermo para que se restabeleça, humanamente, acelere a marcha, diminua o intervalo que o separa do produto de sua própria atividade e ocupe novamente o lugar que lhe corresponde, o de rei da criação, daquela que lhe foi dada, que já encontrou como habitat natural e daquela outra que o mesmo criou exercitando sua inteligência, o mundo da técnica que como segunda natureza rodeia hoje o homem e a separa da primeira?

Vamos pensar sobre algumas linhas terapêuticas.

Nas grandes cidades vive-se neurotizado pelo ruído ambiente. Desgraçadamente esse ruído é um eco, às vezes amplificado, do ruído interno do próprio homem. A ausência de SILÊNCIO espiritual é um caminho pelo qual foge o homem moderno. O silêncio interior não é coisa negativa, simples ausência de palavras. Tem valor por si mesmo. Em seu antípoda está a palavra que deve surgir do silêncio. Quando a palavra não surge do silêncio, não comunica, simplesmente articula sílabas. Talvez por essa razão, o homem está hoje tão incomunicável com o homem. Quando a palavra não tem sua raiz no silêncio se desvirtua, se prostitui e deixa de merecer confiança. Seu abuso desprestigiou-se e abusa-se dela por ser incapaz de expressar tudo o que pensamos. O resto de nosso pensamento expressa-se com a linguagem de todo nosso corpo: os gestos, o olhar, o sorriso, a atitude aberta ou fechada para o outro. Quando a palavra quer expressar aquilo que não pode e que não lhe corresponde, transforma-se em barulho inútil, inconsistente, simples ato motor da língua e dos lábios. A palavra

não deve ser uma reafirmação de minha personalidade, ou um simples veículo da propaganda ou de meu egocentrismo. Deve ser um instrumento da verdade. E a verdade surge do silêncio, que me permite entrar em minha própria interioridade, encontrar-me a mim mesmo e conhecer quem sou. Na profundidade de meu silêncio encontro um ser livre que sofre a escravidão do barulho interior e exterior do condicionamento social, do mundo capitalista ou comunista, de minhas ambições, das ambições dos outros. Um ser que sofre a escravidão de meu próprio eu. O silêncio ensina-me a ser livre. "O silêncio é uma conquista sobre si mesmo e um triunfo sobre o mundo"(H. Lubienska de Lenval).

A INTELIGÊNCIA é uma parte do homem, mas não é todo o homem. Quantos homens extraordinariamente bem dotados intelectualmente contradizem sua condição humana por atos que revelam sua falta de humanidade. A época atual hipertrofiou o valor da inteligência deixando de lado a parte afetiva, volitiva, a formação do caráter, ou seja, de um homem que exercita todas as suas potencialidades humanas, único meio de desenvolvê-las harmonicamente e não monstruosamente desarmônico. Uma das grandes deficiências da nossa educação universitária é a de estar canalizada quase que exclusivamente para o aspecto intelectual do estudante, deixando de lado outras potencialidades. Por isso a educação universitária, que não tem nada de universal, é frustrante para quem a recebe, por estar dirigida somente a uma parte do homem e não ao homem como totalidade. Além disso, a inteligência não é o único instrumento de conhecimento. Muito bem o expressou Heisenberg: "A razão é uma faculdade muito limitada da mente humana. É uma faculdade altamente útil, mas com ela não podemos captar tudo o que deve ser captado durante uma vida inteira. Por conseguinte, devemos estar sempre conscientes das limitações deste instrumento humano"³. A inteligência permite-nos ler (*intus leggere*) uma parte da realidade, mas não toda a realidade. E o homem frustra-se e angustia-se se não põe em exercício outros meios de conhecer a realidade total, como a fé, a meditação, a intuição cídética.

A ação é inata ao homem, como o é a palavra. Mas assim como essa deve ser precedida, engendrada pelo silêncio, aquela o deve ser pelo

³ *Can we survive our future?* Simpósio (Coordenadores G. R. Urban e M. Glenny), The Bodley Hend Ltd., London, 1971.

REPOUSO. Uma forma que o homem tem de desumanizar-se é a de reduzir-se a um simples homo faber. A epilepsia da ação é outro tipo de fuga, reveladora de que não se quer dispor de tempo para estar consigo mesmo. O repouso, necessário para a MEDITAÇÃO, é outra forma de atividade, tão vibrante e cheia de vida como a ação. Desgraçadamente, a desesperação por obter as coisas o mais rapidamente possível, o espírito competitivo por sobressair de acordo à hierarquia de valores que a sociedade condicionante impõe e tantas outras futilidades determinam que o homem, ao chegar em casa, tenha que sair apressadamente de novo porque tem algo que fazer. O repouso-meditação permite-lhe assistir ao seu próprio mistério desde dentro. É uma ação centrípeta, um movimento da alma que lança ao homem a sua ação centrífuga. Mas se esta não é precedida por aquela, o homem move convulsivamente seu corpo e isto já não é atividade, é enfermidade.

O homem em sua atividade diária encontra-se com pessoas e coisas e não poderia viver sem estes encontros, pois essencialmente é um animal comunitário. Mas nem sempre um grupo de pessoas forma uma comunidade, pois podem estar simplesmente juntas, como objetos, como coisas. E é isto infelizmente o que com freqüência ocorre. Quando um grupo observa uma novela na TV ou lota um cinema ou um estádio desportivo, não realiza um ato comunitário pois é uma peça dentro do conjunto. Aglomerou-se a outros por cimento externo, como ladrilho a outros ladrilhos, e quando o espetáculo termina, tudo terminou. Pode-se ter estado perto de outras pessoas, mas não se esteve em comunidade com elas, constituiu-se uma proximidade fechada. Para que haja comunidade é necessário que haja uma vizinhança aberta, que me abra ao outro e que o outro abra-se a mim. Qualquer que seja a situação, a capacidade de aproximação não pode ser excessiva e constantemente solicitada pois pode cair-se no hábito ou na intoxicação humana. Daí a possibilidade de fazer um vazio no dia para viver alguns momentos em SOLIDÃO, para entrar em si mesmo, para estar consigo mesmo. Esta atitude tampouco é negativa, é o polo que complementa a atitude comunitária, às vezes patologicamente solicitada. O homem desumaniza-se se está mais fora que dentro de si mesmo, se sua esfera privada diminui cada vez mais e com ela sua reflexão sobre tudo aquilo que lhe vem de fora. Se não configura a sua existência desde dentro fica à disposição de todos os condicionamentos da sociedade atual:

O beata solitudo
O sola beatitudo
já proclamava São Bento.

Hoje vive-se angustiadamente pressionado pela eficiência. Deve-se ser eficiente na política, religião, ciência, educação, em suma, em qualquer setor da atividade humana. Deve-se ser "pragmático responsável", expressão que corre velozmente como balão vazio, repetida por cabeças vazias. Vive-se uma cultura sensorial, batizada assim por Sorokin⁴, aquela baseada no princípio pelo qual "a última realidade e os valores autênticos derivam dos sentidos e que mais além da realidade e dos valores que podemos ver, ouvir, cheirar, tocar e sentir o gosto, não há outra realidade nem valores verdadeiros". É um tipo de conhecimento que faz derivar dos sentidos o critério do verdadeiro e do falso; incrementa o saber físico e biológico em detrimento do filosófico, teológico e metafísico. Ocupa-se fundamentalmente dos valores sensoriais da riqueza, saúde, prazeres sensuais, afã do poder e notoriedade. Sua ética é a utilidade, a eficiência e o hedonismo. Considera convencionais e variáveis os princípios éticos. A cultura sensorial substituiu a religiosa que se baseava no princípio pelo qual a última realidade estava representada pelo Reino de Deus e sua justiça, num plano supra-racional. Nesta cultura sensorial e "eficiente" a sociedade espera que a Universidade produza técnicos e não filósofos e menos ainda teólogos. Outro dos resultados funestos desta eficiência pragmática é a perda do sentido da amizade. Se considero a amizade em termos puramente utilitários, ela que é por essência gratuita, não tem lugar onde repousar. É curioso que em períodos transitórios da história onde as manifestações elevadas do espírito ambulam como párias numa sociedade que não as aceita, o verdadeiro sentido da amizade está ausente. Porque está ausente o AMOR, terapêutica para todos os desarranjos da sociedade submergida e afogada na cultura sensorial. É interessante que um homem de ciência como Konrad Lorenz⁵ manifeste: "Todos nós, que vivemos em países civilizados de grande densidade ou em grandes cidades, não temos idéia de quanto nos falta de amor ao próximo, sincero, caloroso."

⁴ Sorokin, P. A "Tendências básicas de nuestro tiempo". Pleyade, Buenos Aires (Argentina), 1969.

⁵ Lorenz, K.: *Les huit péchés capitaux de notre civilisation*, Flammarion, Paris (França), 1973.

Este amor é o cimento que une espíritos para constituir verdadeiras comunidades. Enquanto ele estiver ausente, haverá corpos que se juntam numa reunião. Será uma reunião de homens isolados, que continuam isolados, como um exército de soldadinhos de chumbo. Cada um cuidará de não se envolver afetivamente com o problema do outro, porque enquanto o amor não estiver presente meu problema estará sendo “meu” problema, e o problema do próximo estará sendo “seu problema”. E não vejo aqui diferença com uma sociedade de robots.

As circunstâncias históricas engendradas pelo próprio homem modelam tipos humanos adaptados a essas circunstâncias. Na época atual surgiu um raro espécime desumanizado, metade homem e metade robot, que rapidamente foi mitificado. Parece que o homem quando se separa de certos valores absolutos enche o vazio com muitos feitos a sua altura e medida. A criação de mitos não é atividade privativa do chamado homem primitivo. Primitivo por que? Hoje cavalgam o mundo muitos mitos com sua corte de adoradores: ciência, técnica, desacralização, comunidade, comunicação etc. O homem-monstro ao qual me refiro chama-se *homem moderno*.

Quando alguns teólogos e sociólogos falam do “homem moderno” a quem se referem? Qual é o contexto onde localizam esse “homem moderno”? Falam de desmitificação e criam um novo mito, porque esta versão parcial do homem de nossos dias permite muitas coisas e cria uma situação ambígua. Há que chegar a ele; reformar a liturgia para ele; rebaixar a doutrina (ou esquecê-la) para ele; meter-se na dispersão e o ruído, minimizar a norma para adaptá-la à sua ignorância, nanismo espiritual, rudeza e grosseria: tudo para ele. Criou-se um mito. Esquece-se que o homem moderno é também o africano, o paquistanês, o hindu, o latino-americano, que pouco ou nada tem a ver com a imagem nascida nas grandes cidades industriais, como sua ressaca urbana, como excrescência de um sistema que está justamente dando seus últimos estertores. Quando os teólogos da morte de Deus falam do “homem moderno” têm em vista precisamente o produto da sociedade pós-industrial norte-americana e cometem o erro de universalizar uma imagem que nada tem a ver com a do homem atual de outras latitudes, com problemas, aspirações, desejos, realizações e frustrações completamente distintos. Esta concepção encerra um grave erro sociológico comum por outra parte nos expositores provenientes das nações satisfeitas, que consiste em crer que “seu mundo é o

mundo” e universalizam doutrinas que excedem seu marco de referência. Ou será que os representantes do pensamento africano atual como Leopold Sedar Senghor, Sékon Touré, ou os campeões da negritude como Aimé Césaire, Leon Damas, Frantz Fanon, não são homens modernos? E dentro do pensamento europeu da linha do personalismo de Emmanuel Mounier, de Georges Bernanos, que nos últimos anos de sua vida se dedicou a desentranhar com tremenda e implacável lucidez a imbecilização da Europa dos robots, não são homens do nosso tempo? E na esfera literária Heinrich Böll, Jorge Semprun ou Dino Buzzati, que têm que ver com o homem inventado por certa sociologia?

Penso que se se quiser conhecer qual a corrente ainda oculta, porém caudalosa do humanismo, a abrir passagem num futuro próximo, haverá que investigar estas tendências para interpretar os sinais dos tempos novos. Certo tipo de homem de Brooklin, Paris ou Londres, com sua violência, aborto, droga, sexo, pornografia, existe, é uma realidade, ninguém o nega, mas não é toda a realidade. O que sucede é que essa mostra parcial humana serve de apoio; sem sabê-lo, a um comércio que enriquece a muitos. E esse comércio necessita para sobreviver, da propaganda, do cartaz luminoso, do cinema, teatro, televisão, jornais e revistas, pois é preciso infiltrar tudo.

O homem humaniza-se quando no silêncio, na meditação, no repouso, na solidão, entra em si mesmo, até a sua própria profundidade, descobre seus valores, toma distância do mundo e suas coisas e volta a ele para servi-lo com amor, mas sem ser absorvido por ele, mantendo assim sua liberdade espiritual.

Neste processo de humanização a ciência e a técnica têm importante papel a desempenhar. Já ajudaram a realidade sobrenatural purificando-a de tudo aquilo que a ingenuidade e temor do homem de épocas precedentes atribuiu a um Deus da ignorância. Estes véus se estão retirando e começa a aparecer o rosto do Deus da sabedoria. Observa-se uma inquietude pelos valores absolutos no campo científico. O verdadeiro homem de ciência tem uma natural disposição para o trabalho silencioso e meditativo. Diria que sua atitude é religiosa, ainda que negue a Deus. E a técnica, produto da atividade humana e que hoje domina o homem, pode pôr-se a serviço de seu autor. Para que isto ocorra deve ser sacralizada. E chegamos a este paradoxo: quando o sagrado quer dessacralizar-se, é preciso sacrificar o profano para salvar o homem humanizando-o.